

Grandal Nkepe, a angústia do silêncio!

João Niove

Nangololo, Muidumbe, 10 de Maio de 1958, por volta das cinco horas de uma fresca manhã das terras do Planalto dos Macondes nascia, sobre as ribeirinhas margens do Messalo, desconhecido e sem destino, “*um menino do coração fora do peito*”, aliás, Rafael André Luís **Grandal Nkepe**, segundo o cadastro dos registos de Muidumbe, ou, simplesmente, Grandal Nkepe na “tribuna de escreventes”.

Tão cedo, Nkepe tornou-se órfão de pai. A dona Ângela, apesar da insubstituível dor pela perda do seu marido Luís, pai de Rafael ou melhor de Grandal Nkepe, não se frustrou, transformou as lágrimas de desamparo conjugal em desafio por uma nova vida. Ela, a dona Ângela, quebrou as amarras de solidão e voltou a casar-se, novamente.

Porque o tempo de transformar a enxada, debaixo das grutas de Muidumbe, em armas de luta pela libertação chegara, Nkepe, parte na companhia de amigos de infância aldeã e junto dos seus pais à outra margem do Rovuma, Nachingwea, terra de Mwalimo Julius Nhyerere. Aqui, Nkepe passa parte da sua infância, partilhando, os seus “**13 Anos com o Padrasto**”, entre Bagamoyo, a então Escola Secundária da Frelimo, e Nachingwea, o Centro de Preparação Político Militar, uma vivência que

Nkepe sempre quis imortalizada. Quem não se lembra de Nachingwea? O centro onde se engendrava o Homem Novo.

Na verdade, sobre o seu reportório, a memória resguarda uma série de angústias, alegrias e, sobretudo, lugares comuns. Talvez seja por isso que Nkepe sempre gostou de aquinhoar as suas experiências com outras pessoas e ouvir delas as respectivas vozes, portanto, as vozes de toda a gente. Vozes do presente do indicativo, de determinação, de coragem e de alteridade.

Tendo sido, por ironia, contemporâneo de um empobrecido tempo de espírito em pena sobre as frondosas copas de embondeiros de Quissanga, Nkepe quis fazer-se de despercebido, de viver ao âmago de Xilalassany proveniente da Manhiça e até prostrar-se com o ruir das mundanas águas do Messalo transfiguradas em agrestes ondas do Índico acima, tal como advogara, algures, o jornalista-escritor Albino Magaia: “*Quem se deixa habitar pelos deuses da poesia está condenado a fazer-lhes sacrifícios...*”

Malhangalene, esse bairro intrometido no enclave dos bairros da Coop, a Leste, Maxaquene a Norte, Mafalala a Oeste e Central a Sul, testemunhou (?) o forçado silenciar de uma voz que se foi numa eterna viagem mas, que entre nós sempre

permanecerá viva e presente. Foi num final de semana da primeira quinzena de Junho de 1997 que Nkepe “sucumbiu” nas barracas da Malhangalene, segundo informações postas a circular na altura, diante de um bando de criminosos que se teria envolvido com o já malgrado. Já passam duas décadas que Grandal Nkepe se calou, estranha e cobardemente! Se continuasse em vida, a 10 de Maio de 2018, Grandal Nkepe cumpriria o seu septuagésimo aniversário natalício!

Há, sensivelmente, 21 anos atrás, isto é, a 16 de Junho de 1997, a Rádio Moçambique abria, numa das suas primeiras emissões matinais de Segunda-feira, com este fatídico acontecimento em que dia seguinte, o matutino Notícias viera a reconfirmar selando o incidente numa das suas páginas interiores: “**Escritor Grandal Nkepe morto a tiro na Malhangalene,**” era terça-feira, dia 17 de Junho de 1997.

A Associação dos Escritores Moçambicanos (AEMO) de que Nkepe era membro activo e fazia parte do secretariado que na altura estava em funções, tomou conta do incidente. Familiares, colegas de profissão e amigos mais próximos decidiram transladar o corpo para Cabo Delgado, sua terra natal, após o velório de câmara ardente na sede da AEMO, na Av. 24 de Julho, em Maputo.

Do pacato memorial de episódios e de entre as inúmeras recordações a seu respeito que o meu reportório revigora,

consta daquele último encontro que com ele mantive quando este regressava da Escola Secundária Josina Machel, donde estivera, em mais uma das missões profissionais, ministrar aulas de Biologia. Porque era Sexta-feira, dia dos homens, de acordo com certas mulheres (in) conformadas e que se julgam “urbanizadas”, aquele *coktail* só viera a terminar na barraca do Sr. Matavel, defronte da então Pastelaria Primavera, cujas instalações hoje funciona uma agência do BCI, no entroncamento da Avenida Joaquim Chissano e Rua de Resistência, no bairro da Malhangalene, a já escassos 100 metros do seu “laboratório”, lá onde Nkepe filtrava as suas megalomanias homínidas e onde, sobretudo, ecoava o sono trazendo as relíquias da sua efêmera infância vivida, essencialmente, em Bagamoyo, quando tão cedo ingressou, como guerrilheiro, nas fileiras da então Frente de Libertação de Moçambique.

Mas também me lembro de que Nkepe terá lido o meu “*Elogio Fúnebre ao Silêncio*” aquele conjunto de poemas com sabor das “Caraíbas”! Leu, releu e deu importantes sugestões. Um poemário mimeografado que desapareceu do meu repositório de forma “misteriosa” e que até hoje, apenas continua, eternamente, residindo em mim este título: “*Elogio Fúnebre ao Silêncio*” e, quiçá, alguns poemas dispersos publicados no Semanário “**Domingo**” entre finais dos anos 80 e princípios de 90. E, ainda me lembro que de, entre vários poemas que dele

constavam, Nkepe gostava tanto deste que passo a transcrever na íntegra, cujo título é: “**Transe de Continuidade**”.

*Encontro-me em transe de negação
neste em que os versos sem abandonar o seu
sítio
voltam-me a mim
um mundo novo desconhecido
numa dimensão nova do conhecido
a poesia,
uma dilatação da dimensão desconhecida
do evidente.*

*No orvalho desta permanente renúncia de
palavras indefinidas
sinto-me intensamente presente
e na conturbada arte de testemunhar
vivências
reconstruo-me.*

*Em transe de negação
eis-me um contínuo projecto,
incessante e fragmentado
no silêncio do expressar
a metade deste universo,
e na sugestão da minha palavra total
o ritual é a densidade do meu sentir
este vírus angustiado e tormentoso
que o verbo me deixou à estirpe!*

*E na conturbada médula dos tempos em
memória infante
urge pelas chaves do presente
acreditar pelas portas do amanhã
as quimeras do real absoluto.*

*(João Niove, In: “Elogio Fúnebre ao Silêncio”,
um original de poemas desaparecido)
Nampula, 1988*

Apesar deste “*Transe de continuidade*” há ainda em mim um “*Naufrágio*” no

qual me defino e, ao mesmo tempo, me desconheço quem sou como também me despeço de todos quantos me conheceram.

10 de Maio de 2018, Nkepe, faria 60 anos de vida, se os cobardes não o ditassem o tão prematuro e triste desaparecimento! Portanto, 60 anos já passam desde que “*um menino do coração fora do peito*” surgiu do ventre de uma mãe que nunca conheceu maternidade nem assistência de parteiras modernas!

Cidadão de um mundo de homens que fazem o que podem, não menos verdade é dizer que deuses lhe impuseram, ao Grandal Nkepe, uma pena de, ocasionalmente, ou melhor, raramente viver horas inesperadas ou até incertas, motivo, quanto a mim, preponderante que lhe forjou, ao longo dos anos da sua curta vida, um discurso pessoal e íntimo que não compadece com certos artificios: “*Não tenho nada que fazer/ invento estas histórias para passar o tempo/ para não me aborrecer com a vida/ para esquecer do dia que nasci...*”

Embora não tendo compromisso com os outros e não querendo dizer nada a ninguém, Nkepe adverte: “*...sou uma pessoa do meu tempo*”, talvez seja por isso que os poemas da sua forja espelhem as circunstâncias em que ele se (in) define “individualista”, pois sem essa individualização, Nkepe não sabe o que é o “*Eu*” e tão pouco sabe se o tal “*Eu*” existe!

Porque não acredito pelo termo da tua existência, ainda aguardo, ansiosamente, pelo teu segundo romance “**13 Anos com o Padrasto**”, obra que tive a honra, a raríssima honra de lê-la ainda quando burilavas naquele teu “Atelier” ali nas bandas da Malhangalene que, algures, um dia o chamaste de residência. Será sim o segundo romance depois da “**Casa da Justiça**”. Ainda que em folhas soltas, algumas manuscritas, mas bem paginadas, insisto, com toda arrogância, que li o romance todo, dei algumas singelas sugestões, confesso.

Nkepe, sei que a tua alma ainda vive e é por essa razão que te questiono nesse eterno silêncio se ainda te recordas da “*tchetchena*” com o seu Código de Amurabi, do “Coimbra” que te coagiu com a sua Teoria de Probabilidades, do “conterrâneo” que nunca se esquecia dos paradigmas de Wallace? Quero acreditar especulando que não, pois já lá vão quase duas décadas, perdido nos templos de perdição! E, até, posso meditar que já és um ser abiótico!

Que pena, teres partido quando ainda te preparavas para editar o teu romance que julgo ser um apanágio de infâncias de milhares de crianças que este País (apenas?) acomoda, à sua maneira. “**13 Anos com o Padrasto**,” consideraria por antecipação, um autêntico auto-retrato de uma infância “engomada” e partilhada entre a eterna solidão para com um pai que tão cedo partiu para sempre e o fogo das armas de libertação

nas então zonas libertadas de Cabo Delgado.

Entre o prosseguir com os estudos logo após à conclusão da 4ª classe conseguida no meio de muitos sacrifícios em Bagamoyo, lá onde quando o sol começava a declinar-se no horizonte as circunstâncias do momento sentenciavam-te a rumares para Nachingwea onde te preparaste como guerrilheiro, e, acima de tudo, como homem.

Apesar de que tão cedo partiste, ainda tenho a esperança que um dia regressarás dessa eterna viagem, desse perpétuo amanhecer em que “*a gente sonha mais do que vê*”, para, outrossim, nos revelares ainda alguma coisa após a morte, essa morte, que te impuseram.

Foi com o “**Cidadão da Esquina**” que Nkepe se estreou em livros depois de um merecido itinerário literário na imprensa moçambicana, concretamente, Semanário Domingo, Diário de Moçambique, revistas Forja e Tempo. No prefácio deste livro “**Cidadão da Esquina**”, o já também falecido escritor Albino Magaia, um dos mais velhos e prestigiados escritores e jornalistas da nossa praça, implorava: “*Ao Nkepe, deixem-no sacudir o coração até pô-lo cá fora à espera de mão caridosa, depois de escutar e avaliar os seus gritos lancinantes, lhe faça o favor de injectar um anestésico para as suas dores: dor da solidão, dor do silêncio, dor da guerra, dor de se saber com asas*

largas, mas atrofiadas por uma época marcada pelo rastejar dos répteis, dor do medo que sabe que tem mas que não quer ter, dor do amor frustrado que teima em ser cada vez mais amor, dor de uma vida feita 'mulata desdentada', dor do mundo 'feito de filhos da mãe como nós!' ..."

Astro viajante de Nangololo, não trouxe nada quando às cinco horas em ponto arribou desconhecido e sem destino, nas terras do planalto dos macondes, mas cumpriu com a promessa ao não viver despercebido e sossegado nas grutas de Muidumbe, aliás, com a Menção Honrosa em novelística aquando do centenário de Maputo (1987), o autor da "*Casa da Justiça*" impôs-se na tribuna dos pirilampos acorados na Mafalala do Micaia.

No poema **Maternidade I**, (extraído do livro **Cidadão da Esquina**) Nkepe define a dor como um grande mistério tal como o amor e diz mais que "*sem amor não se vive e sem dor não se ama*". Sei que o teu grande amor, o teu eterno amor foi, sem sombra de dúvidas, a caneta sobre o papel branco onde escultravas tudo o que sentias e vivias em arte de dizer em palavras, pois as circunstâncias em que tais palavras tu moldavas te fascinavam e te outorgavam a plenitude de realização imediata das ideias.

Porquê te deixaste habitar pelos deuses da poesia enquanto te imolaste

perguntando-te ao raiar das noites pirilimpadas do planalto dos macondes?

Quem disse que os aplausos fazem os poetas, a não ser a angústia do silêncio? A angústia de se sentir que é enquanto não o é, e a angústia de não ter o que, realmente, se tem! A angústia da vida pela vida! É isso mesmo, a angústia do silêncio!

A solidão tem tido muitas faces, às vezes, sentimo-nos solitários quando estamos sós, mas esse estar só nem sempre é mau, porquanto nos ajuda a reflectir sobre a vida. A vida que, não raras vezes, se nos apresenta sensual! Esta vida com que nos digladiamos todos os dias! Esses dias que sempre nos vencem quando não os compreendemos como nascem no anoitecer das noites! Essas noites que amanhecem antes de entardecer! Essas tardes que alvorecem no preâmbulo vespertino das cerimónias fúnebres! Quem nunca sentiu solidão ainda não nasceu! Não nasceu da morte dos que vivem nem dos vivos que morrem antes de morrer!

Rogo que estas palavras cheguem até aí onde estás que nem sei em qual dos bancos te sentaste para escrevinhar mais um poema de palavras sifilíticas e alcoolizadas de xilalassany! Estas palavras ditas do presente, único tempo que me habita, não chegam a ser o que, provavelmente, poderiam ser, uma homenagem a um companheiro e colega. São palavras de homenagem a um homem e por que não a um poeta que

um dia escreveu e muito bem disse: “*Eu sou filho de pais alcoólatras e sífilíticos/eu sou membro de coração fora do peito/nascido às cinco horas de madrugada/todos querem ver-me/agora eu vou dormir/até agora estou a dormir/deixem-me dormir sono sossegado*”.

Nkepe, tu nunca dormirás um sono sossegado enquanto as esquinas continuarem a ser o lugar onde as crianças brincam, escondem-se e, sobretudo, adormecem, enquanto a esquina continuar a ser o *habitat* circunstanciado das crianças desta pátria amada e emperolada do índico. Nunca dormirás um sono sossegado enquanto o dia de amanhã surgir com uma morna perspectiva, enquanto te lembrares, aborrecidamente, do dia em que nasceste e enquanto continuares a sonhar a tua morte estúpida!

Grandal, eis aqui e agora na esquina de um cidadão que com ele, um dia, partilhaste um prato de feijoada à alentejano, na Avenida Amílcar Cabral, ali, no “Self universitário” dos princípios dos anos 90, quando o repolho a banho-maria tilintava sobre nossos estômagos moribundos e cérebros estonteados de tanto folhear volumes de obras escritas cujos autores presumo-os que só viviam de papel e caneta sobre o joelho!

Acorde, Grandal, levanta-te dessa morte, erga-te dessa estúpida morte que te impuseram, hoje, já não é tempo do silêncio e do esquecimento; mas de

indulgências. É tempo de justificares a tua existência eternamente problemática. Já não é tempo de candomblé!

Grandal, imploro-te na pedra mais solitária do oásis desta vida, que um dia me segredarás: como é que um poema se torna mais poesia que nem uma ‘*mulata desdentada*’? Grandal, astro da dona Cristina, cidadão de todas as esquinas desta pérola do Índico e menino do coração fora do peito, até sempre, Nkepe!